



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*  
Vol. 10, Issue, 04, pp. 35148-35153, April, 2020



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## THE CLOWN THERAPY IN HOSPITAL ENVIRONMENTS: THE CASE “RIR É O MELHOR REMÉDIO”

**Kleber Alves Ribeiro and \*Ivanete Schneider Hahn**

Graduation in Development and Society Department, University Alto Vale do Rio do Peixe –  
Uniarp, Caçador, Brazil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 11<sup>th</sup> January, 2020

Received in revised form

06<sup>th</sup> February, 2020

Accepted 14<sup>th</sup> March, 2020

Published online 29<sup>th</sup> April, 2020

#### Key Words:

Sociedade. Saúde e Bem-estar. Saúde  
Coletiva. Palhaçoterapia.

\*Corresponding author: **Ivanete Schneider  
Hahn**

### ABSTRACT

Este estudo apresenta um exemplo da arte do palhaço em ambientes hospitalares. A pesquisa, de cunho qualitativo e descritivo, foi operacionalizada por meio de um estudo de caso do Programa “Rir é o Melhor Remédio”, desenvolvido no Hospital Maicé, localizado no Município de Caçador-SC. O Programa foi iniciado em 2015, com visitas semanais de Palhaços profissionais no Hospital, buscando minimizar os impactos causados pelas demandas e pelo ambiente de trabalho dos colaboradores e consequente impacto nos pacientes e seus familiares, bem como tornar essa uma ferramenta no cuidado, sendo uma ponte para humanização. Os resultados evidenciaram que: (1) O Programa “Rir é o Melhor Remédio” foi instituído para fomentar processos de atendimento mais humanizados, que complementavam as melhorias físicas e estruturais que o hospital realizou no mesmo período; (2) o programa atendeu 17 mil pacientes de todas as faixas etárias considerando internos (Internados) e externos (Pronto Socorro e Ambulatório).

Copyright © 2020, Kleber Alves Ribeiro and Ivanete Schneider Hahn. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

**Citation:** Kleber Alves Ribeiro and Ivanete Schneider Hahn. 2020. “The clown therapy in hospital environments: the case “rir é o melhor remédio”, *International Journal of Development Research*, 10, (04), 35148-35153.

### INTRODUCTION

No Brasil, os usuários de saúde possuem direitos garantidos por lei e os serviços de saúde devem incentivar o conhecimento desses direitos e assegurar que eles sejam cumpridos em todas as fases do cuidado, desde a recepção até a alta (Humanizaus, 2019). Entre esses direitos está o direito de receber um atendimento de qualidade e humanizado. Entende-se por humanização do atendimento em saúde, um atendimento pautado em princípios como a integralidade da assistência, a equidade, a participação social do usuário, dentre outros, e demanda a revisão das práticas cotidianas, de modo a valorizar a dignidade do profissional e do usuário (Casate; Corrêa, 2005). A humanização possui um caráter subjetivo, complexo e multifacetado. Dentro do contexto da saúde, indo além da qualidade clínica dos profissionais, ela exige qualidade de comportamento de conduta. Assim, a humanização é um processo em transformação constante e que sofre influências do contexto em que ocorre, só sendo promovida e submetida pelo próprio homem (Rizzoto, 2002). A política do HumanizaSUS “aposta em inovações em saúde partindo em defesa de um SUS que reconhece a diversidade do povo brasileiro e a todos oferece a mesma atenção à saúde,

sem distinção de idade, etnia, origem, gênero e orientação sexual” (Brasil, 2019). Catapan, Oliveira e Rotta (2019) explicam que a inserção do palhaço no hospital é relativamente recente, mas, mais de 700 organizações utilizam a palhaçoterapia no Brasil e no mundo. Os autores inferem que há uma baixa representatividade do tema no campo científico e mesmo não sendo amplamente aceita como prática de saúde, os resultados encontrados sugerem benefícios na utilização da palhaçoterapia em ambiente hospitalar. Finlay, Baverstock e Lenton (2014) mostram que nos últimos 30 anos, tem havido muita pesquisa sobre os benefícios para a saúde de humor e risadas. Embora, muitas vezes, sejam vistas de maneira muito positiva, uma avaliação rigorosa do efeito terapêutico da palhaçoterapia é complexa. Outros estudos foram conduzidos nos últimos anos, a exemplo de Dionigi (2017), Meiri *et al.* (2017), Venrooij e Barnhoorn (2017), Mortamet *et al.* (2017), Scheel *et al.* (2017), Ilan *et al.* (2018), Lopes-Júnior *et al.* (2018), Capua, Kama e Rimon (2018), Yildirim *et al.* (2019) e muitos conduzidos anteriormente, relatam em sua maioria o efeito da presença de palhaços em procedimentos junto a crianças, sendo que os resultados são comuns em afirmar que a palhaçoterapia diminui a dor e a ansiedade durante procedimentos dolorosos. Pautada nesta lacuna de pesquisa, este estudo se destina a apresentar o Programa “Rir é o Melhor

Remédio”, projeto desenvolvido no Hospital Maicé, localizado no Município de Caçador-SC. O Programa “Rir é o Melhor Remédio” foi iniciado em 2015, com visitas semanais de Palhaços profissionais no Hospital, tendo por objetivo minimizar os impactos causados pelas demandas e pelo ambiente de trabalho dos colaboradores e consequente impacto nos pacientes e seus familiares, bem como, tornar essa uma ferramenta no cuidado uma ponte para humanização. Assim, este artigo encontra-se estruturado em três seções. Inicialmente, a introdução, busca contextualizar o estudo, trazendo a sua importância para o amadurecimento da ciência. Na segunda seção é desenvolvida a base teórica, seguida dos procedimentos de pesquisa. Na quarta parte, são apresentados os resultados, seguidos das considerações finais do estudo, bem como, suas limitações e sugestões de pesquisas futuras.

### **Bases teóricas sobre a palhaçoterapia em ambientes hospitalares:**

Quem já teve a oportunidade de ver ou se deparar com um palhaço dentro de um Hospital provavelmente deve ter se questionado sobre o que um palhaço estaria fazendo dentro de um estabelecimento de Saúde, como um Hospital, ao invés de estar na rua, num teatro, na televisão ou mesmo no circo. O fato é que para falar sobre esse personagem, se faz necessário entender um pouco sobre sua trajetória, sua origem que vai desde artista de rua a conselheiro de Rei ocupando diversas posições, nas mais diferentes civilizações. A palavra Palhaço vem de *pagliaccio* (*omino dipaglia*, ou "homem de palha"), material usado no revestimento de colchões. O nome começou a ser usado porque a primitiva roupa desse cômico era feita do mesmo pano e revestimento dos colchões: um tecido grosso e listrado, e afogada nas partes mais salientes do corpo com palha, fazendo de quem a vestia um verdadeiro “colchão” ambulante. Esse revestimento de palha os protegia das constantes quedas e estripulias. Também se remete à pessoa humilde do campo que vai para a cidade grande tentar uma vida melhor, mas muitas vezes, não consegue emprego ficando sem condições de se manter (Thebas, 2005).

Não tendo como retornar, passa então a viver na rua. Como uma falsa saída para suas angústias acabava-se por embriagar-se com cerveja, cuja espuma fica ao redor da boca, o que depois vai remeter a maquiagem branca, e, de tanto tropeçar nas próprias pernas e cair com o nariz no chão, acaba ficando com o nariz vermelho que depois vem se tornar a característica principal do palhaço o nariz vermelho (Burnier, 2001). Ainda nesse contexto, esse mesmo cidadão por não ter dinheiro para comprar roupas, acaba ganhando roupas de outros para poder substituir as suas, rasgadas e sujas, mas estas não lhe servem: por isso, acaba fugindo de um padrão estético de vestuário tendo uma calça mais curta ou mais larga ou então um sapato muito grande, ou então um casaco duas, três vezes maiores do que seu número, ou seja, peças descombinadas e desproporcionadas entre si (Thebas, 2005). O palhaço só aparece numa relação com outra pessoa. Sua principal função é a graça, tanto no sentido de engraçado como no sentido de gracioso. Ele acaba por ser engraçado pelo fato de revelar o ridículo que todo humano carrega consigo, assim como a capacidade que todos têm de errar e de perder a qualquer momento (Thebas, 2005). Embora existam palhaços que carregam muito a maquiagem, eles são a essência da representação do humano, e, por isso, devem moderá-la para que apareça a pessoa por trás do nariz. O corpo e o olhar são os principais instrumentos de relação do palhaço com seu público (Thebas, 2005). Vários números de palhaços, conhecidos como “entradas”, se tornaram clássicos, como “O

Espelho Quebrado”, “Hamlet”, “A Água”, “A Estátua”, “O Barbeiro de Sevilha”, etc., e podem ser vistos ainda hoje em grandes circos. Outra maneira do palhaço participar dos espetáculos circenses é através das “reprises”, pequenas cenas de palhaços que acontecem enquanto se prepara a parafernália de um novo número (como preparar as jaulas, o trapézio, etc.). No início do século XIX, outra participação importante dos palhaços se dava na segunda metade do espetáculo, quando estes apresentavam uma “pantomima” cômica, um pequeno espetáculo de cunho teatral, dentro do espetáculo circense, muitas vezes baseado em clássicos da dramaturgia e da literatura mundial (Barroso, 2019). O palhaço era, até pouco tempo, o principal personagem de um circo, sendo uma honra ocupar esse papel. Geralmente, os palhaços são habilidosos em alguma arte, muitos são grandes acrobatas, músicos, malabaristas, domadores, bailarinos, piadistas, cantores, etc. Vale ressaltar que os personagens do teatro grego, bem como da *commediadell'arte italiana*, usavam máscaras cujos detalhes representavam alguma das características da sociedade da época. Um dos personagens mais populares é o Arlequim, conforme já mencionado, que usa roupa com losangos coloridos e máscara negra. Como um palhaço, aparentemente tolo, sempre acaba se saindo bem devido a sua astúcia. Nesse caso observa-se que os atores se escondiam atrás das máscaras e representavam de acordo com o personagem. Já o palhaço, ao utilizar-se da menor máscara do mundo, o nariz vermelho, ao invés de se esconder acaba se revelando, expondo o seu ridículo e provocando o riso a partir dele, uma vez que “A palavra ridículo vem do latim *ridiculus*, que significa ser risível. Quer dizer, ridículo é alguém de quem os outros têm vontade de dar risadas” (Thebas, 2005).

Na atualidade, os palhaços ocupam espaço não só nos circos, estão presentes nas ruas, nos teatros, na televisão, no cinema, e mais recentemente no Hospital, mas como esse personagem foi parar num ambiente cheio de dores, angústias e muitas vezes desesperança? Ainda resgatando fragmentos de sua origem, temos que sua mais antiga expressão é que ele se fazia presente em rituais sagrados, sendo utilizado como elemento para espantar o medo, especialmente o da morte (Thebas, 2005). Essa figura adaptou-se a inúmeras modalidades até chegar ao inusitado espaço hospitalar, na promoção da Saúde. Em 1986, por exemplo, Michael Christensen, diretor do Big Apple Circus, de Nova Iorque, foi convidado a participar das comemorações do dia do coração no Columbia Presbyterian Babies Hospital, quando optou por fazer uma satirização às rotinas médicas e hospitalares, utilizando o teatro *clown* (Rodrigues; Filho, 2013). Primeiramente, ele se apresentou para às crianças que puderam se deslocar até o ambiente do espetáculo, no qual ele utilizou a linguagem do clown. Ao perceber que o espetáculo foi bem aceito, Michael teve a oportunidade de se apresentar para às crianças em seus leitos. O resultado surpreendeu a todos, pois às crianças que se demonstravam deprimidas e apáticas participaram ativamente das atividades propostas (Rodrigues; Filho, 2013). Após outras visitas, o Hospital decidiu investir na continuidade do trabalho, nascendo então a Clown Care Unit. Em 1988, Wellington Nogueira, ator brasileiro que, na ocasião, morava em Nova Iorque, passou a integrar a trupe do Clown Care Unit, e ao retornar ao Brasil, em 1991, criou um programa semelhante, iniciando seus trabalhos no Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo (Lima *et al.*, 2009). O projeto brasileiro, batizado com o nome “Doutores da Alegria”, tinha como objetivo utilizar a arte do teatro *clown* para avaliar a necessidade das crianças hospitalizadas e colocar

ao seu dispor truques, magia e malabarismo; com isso devolveria à criança um pouco do controle sobre o corpo e sobre sua vida, algo que lhe é totalmente tirado quando se encontra enferma e hospitalizada e, ainda, favoreceria uma atitude mais positiva e ativa em relação à enfermidade e sua recuperação (Lima *et al.*, 2009). Esse trabalho desempenhado pelos Doutores da Alegria, incentivou e motivou a inúmeros grupos a praticarem iniciativas como essas em diversos hospitais e regiões do Brasil. Segundo o programa Palhaços em rede, uma iniciativa da Ong dos Doutores da Alegria para cadastrar duplas, grupos que atuam com essas iniciativas, criado em 2007, consta que em 2018 já se somavam cerca de mais de 1400 iniciativas (Doutores da Alegria, 2009;2018).

## Definições Metodológicas

Este estudo utiliza como estratégia de pesquisa o estudo de caso. Esta estratégia foi escolhida porque o caso em análise corresponde há um fenômeno social complexo (Yin, 2001). Para o mesmo autor, existem três situações nas quais deve-se aplicar o estudo de caso: (1) caso em pauta é crítico para testar uma hipótese ou teoria previamente explicitada; (2) O caso é extremo ou único; e (3) caso revelador, que ocorre quando o pesquisador tem acesso a uma situação ou fenômeno até então pouco acessível à investigação científica – sendo esta última a situação desta pesquisa. Em relação aos objetivos específicos deste estudo, se caracteriza como uma pesquisa descritiva. Para Gil (2008) as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição de um grupo, população ou fenômeno, ou então, o simples estabelecimento de relação entre as variáveis. Esse tipo de pesquisa, utiliza-se de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário e observação sistemática. A coleta de evidências para a descrição do Programa Rir é o Melhor Remédio foi conduzida em um levantamento documental. Para Gil (2008) a pesquisa documental é similar a pesquisa bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Assim, para o desenvolvimento desse capítulo, utilizou-se documentos de arquivos pessoais, documentos do hospital, publicações de revistas sobre o programa, entre outras fontes. O cenário de estudo foi o Hospital Maicé, localizado no município de Caçador, Estado de Santa Catarina. Trata-se de um hospital público e geral que realiza atividades de ensino (Estágios), sendo referência no sistema municipal e estadual de Saúde, atendendo não só o próprio Município, mas também vizinhos como Fraiburgo, Lebon Régis, Calmon, Matos Costas, Macieira, Arroio Trinta, Videira entre outros. O hospital também é campo de ensino para os cursos de Técnico Enfermagem, Enfermagem, Radiologia, Psicologia e Assistente Social.

O Hospital Maicé vem há mais de 40 anos prestando serviços à comunidade caçadorenses e região. Mantido pela Congregação Santos Anjos, nome civil associação Franco Brasileira que desenvolve suas atividades na França e no Brasil atuando nas áreas de Educação, Saúde, assistência Social e Formação Religiosa. Possui capacidade instalada de 135 leitos e 20 leitos complementares na Unidade de Terapia Intensiva, e possui mais de 400 funcionários. O nome “Maicé” é originário do Tupi Guarani e significa “Fazer Amigos - Amizade”, o hospital nasceu do desejo e necessidade de ampliar a oferta de serviços de Saúde para a Comunidade local e Região. A inauguração do Hospital se deu no dia 21 de fevereiro de 1979,

e desde então, está disponibilizando sua estrutura física e funcional para atendimento na área da saúde, assumindo a promoção do desenvolvimento social como um todo, com base nas características particulares da região e do contexto socioeconômico no qual se insere. Com o intuito de tornar os processos de atendimento mais humanizados, além das melhorias físicas e estruturais, desde 2015, entre as ações implantadas, destaca-se o trabalho com os Doutores Palhaços do programa Rir é o Melhor Remédio que consiste na visita semanal da dupla de Palhaços Dr. Pró Seco Salvador e Dra. Tialegra Esperança, que percorrem por todos os setores do hospital interagindo por meio do humor com todos os funcionários, pacientes e familiares.

## RESULTADOS

Esta seção se destina a apresentar o Programa Rir é o Melhor Remédio, trabalho realizado dentro do Hospital Maicé, localizado no Município de Caçador-SC. O objetivo do Programa consiste em minimizar os impactos causados pelas demandas e pelo ambiente de trabalho dos colaboradores e consequente impacto nos pacientes e seus familiares, bem como tornar essa uma ferramenta no cuidado sendo uma ponte para humanização. O programa existe desde 2015 e são realizadas visitas regulares com dois Palhaços profissionais, Dr. Pró Seco Salvador e Dra. Tialegra Esperança. A história do Programa Rir é o Melhor Remédio iniciou em 2014, quando uma empresa, que fica localizada também em Caçador/SC, realizou a contratação da dupla de atores para realizarem uma campanha dentro utilizando-se da linguagem do palhaço para interagir com os funcionários, no intuito de aliviar as tensões causadas pelas rotinas de trabalho. Bem como auxiliar na implantação do programa “5 S”. Nesta primeira ação, os palhaços foram intitulados como Inspectores da Qualidade. De setor em Setor os Palhaços interagiam com os funcionários criando em meio aos seus afazeres um clima descontraído, era muito comum os mesmos adquirirem os registros que eram feitos para levarem para casa e mostrar aos filhos, familiares. Em pouco tempo os palhaços criaram vínculos maiores participando não somente das rotinas de trabalho, mas em ações e confraternizações realizadas até mesmo fora da empresa. Os donos da referida empresa, percebendo a eficácia do trabalho e na ocasião também fazendo parte do Conselho consultivo do Hospital Maicé, resolveram então apresentá-los para a Instituição que era coordenada pelas Irmãs da Congregação Santos Anjos. Entendendo que o trabalho era artístico e não voluntário, embora as portas do Hospital estavam abertas para receber o projeto, era importante que encontrassem um modo de conseguir patrocinadores para de fato implantar o projeto dentro do Hospital. Infere-se que, um ponto que na época poderia ser um ponto desfavorável para o programa, existia a possível não aceitação dele por parte dos funcionários e principalmente equipe Médica. Sendo assim, nesse período em que se organizava a viabilidade financeira, foram realizados encontros e reuniões com os atores/palhaços, conselho consultivo, gestores, funcionários e parte da equipe médica para poder explicar e sanar possíveis dúvidas que pudessem existir acerca do funcionamento do mesmo. Depois de alguns ajustes o programa foi aprovado e mantido financeiramente em um primeiro momento por algumas mulheres intituladas carinhosamente como “Madrinhas”. Essas mulheres eram empresárias no município e já realizavam um trabalho de bem feitorias no Hospital. Entendendo que o trabalho de bem feitorias não deveria ser apenas físico no sentido estrutural,

obras, reformas, mas também de cuidado com o outro, com as pessoas que ali trabalhavam e as que vinham para usufruir deste local. como era o caso dos pacientes e familiares que os acompanhavam. Em agosto de 2015 deu-se início ao programa batizado na época como “Rir é o melhor remédio”. O mesmo deveria acontecer da seguinte forma: Os Drs. Palhaços - Dr. Pró Seco Salvador e a Dra. Tialegra Esperança - deveriam passar de leito em leito para interagir com os pacientes internados, acompanhantes e familiares, logo de cara entendeu-se que o trabalho não poderia ficar somente nisso, pois os funcionários começaram a reclamar que também gostariam da visita dos palhaços em seus setores. As Visitas dos Doutores Palhaços, eram regulares no hospital Maicé as mesmas aconteciam duas vezes por semana com duração de três horas e trinta minutos cada, totalizando cerca de sete horas semanais. Os horários procuravam se intercalar entre os turnos para que o máximo de colaboradores e não só os pacientes internados pudessem receber a visita dos Drs. Palhaços. As idas até o hospital para realização do projeto aconteciam nas terças-feiras (08h00 às 11h30), e quintas-feiras (13h30 às 17h00 ou 16h30 às 20h00). A preparação para o trabalho iniciava-se entre maquiagem e trajeto até o local, pelo menos duas horas antes de cada início, visto que os artistas que executavam o projeto moravam na cidade vizinha (Videira - SC), cerca de 45 km de onde se localiza o hospital Maicé (Caçador/SC). Durante o trajeto, os artistas aproveitavam para relembrar o que já tinham treinado, como músicas, brincadeiras e gags (*gags* são “piadas” físicas ou atitudes engraçadas que um palhaço pode realizar durante uma cena (Rois, 2013)). Assim, como o retorno da viagem até suas residências servia também para que pudessem fazer uma reflexão das ações vivenciadas naquele dia, e futuras ações que precisariam ser desenvolvidas. Eram de extrema importância essas reflexões, pois serviam para que ambos pudessem compreender e avaliar o que havia sido preparado e funcionado, como o que tinha sido preparado e não funcionado ou que precisaria de algum ajuste caso fosse tentado repetir a ação em outra ocasião. Da mesma forma, aproveitar situações que pudessem ter surgido na hora dos improvisos que poderiam ser aproveitadas para desenvolver novas ações. Era desta forma que a cumplicidade entre os intérpretes e o trabalho em si foram ganhando mais proximidade, consistência e dinamismo.



Fonte: Registro pessoal

Figura 1. Drs. Palhaços

Quando os artistas entravam no hospital, o faziam pela entrada principal e obrigatoriamente passavam pela recepção onde já de cara encontravam algumas pessoas que eram abordados pelos Doutores Palhaços. Geralmente, nessa ocasião, para gerar uma graça, os dois entravam discutindo porque estavam atrasados e o hospital já estava cheio, então eles diziam aos que se encontravam na recepção que ficassem despreocupados pois com a chegada deles tudo iria fluir, ou não! Dizendo isso e já percebendo uma pequena interação entre os presentes, ambos se direcionavam ao microfone para anunciar a todos do hospital (é comum terem caixas de som nos andares e setores para as chamadas de profissionais ou recados) que os mesmos já se encontravam no local e passariam a visita nos setores e leitos e mais, que todos se vestissem porque eles não queriam pegar ninguém desprevenido. Junto as brincadeiras ditas no microfone, ambos aproveitavam para dar um bom dia, boa tarde ou boa noite a todos que estivessem presentes e principalmente aos funcionários, pois como eles diziam, nossos colegas de trabalho. Dados os recados iniciais, os Drs. Palhaços já pegavam as orientações e informações como: Quantas pessoas encontravam-se internados naquele dia, se havia alguma restrição ou até alguma recomendação médica de alguma visita prioritária. Uma vez que o trabalho havia iniciado, o corpo clínico, principalmente médicos, começaram a solicitar visitas específicas a determinados pacientes, haviam recados como: “Dr. X pediu para que Eu avisasse-os para passar no leito “Y” pois o Paciente “W” está muito deprimido”, a “Dra. “M” pediu para que os Drs. não deixem de visitar o Paciente “P” do Leito “R” que está se recusando a comer”, “Drs Palhaços por favor passar no leito “T” por que prometi que vocês iriam passar lá! Ass: Dr. “U”.

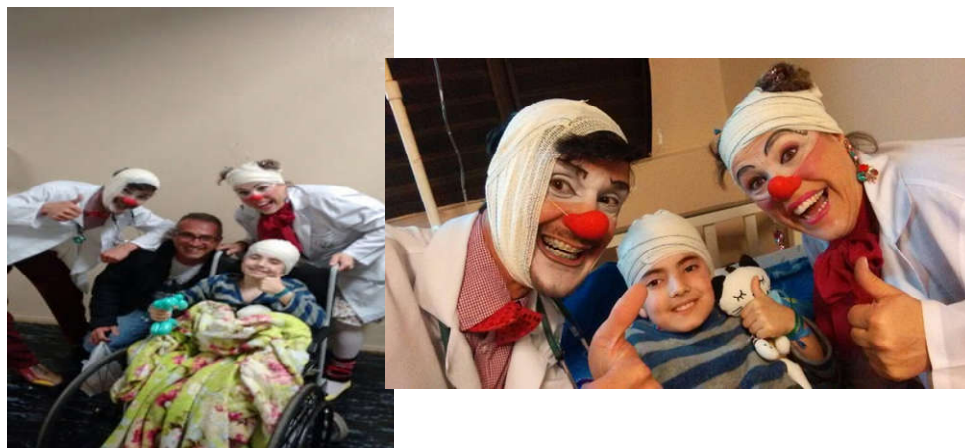
Anotadas tais recomendações e informações, dava-se início aos trabalhos, se dirigindo a recepção da Emergência onde encontrava-se um número geralmente grande de pessoas que aguardavam para realização de consultas ou exames. Neste local a interação e brincadeira funcionava de modo diferente, pois ali os mesmos não estavam sob limitações de soro, sondou algum tipo de aparelho que pudesse ser limitante. Sempre que possível, os Drs. Palhaços ensinavam alguma música ou criavam um coral onde dependia da participação dos presentes. Era muito comum iniciar de forma tímida e ir ganhando espaço e confiança de todos, quando porventura algum enfermeiro, médico, estagiário ou bombeiros passavam pelo local, imediatamente eram inseridos no jogo pelos intérpretes que aproveitavam para aproximar o funcionário com paciente. Uma passagem interessante ocorreu quando em certa ocasião um paciente aguardava já há um bom tempo para troca de curativos, os Drs. Palhaços perceberam a angústia e certa preocupação do mesmo. Imediatamente iniciaram uma aproximação, estabeleceram um contato visual e percebendo que o paciente havia concedido, sentaram com ele e começaram a reclamar, pois também já fazia mais de uma hora que tinham pedido uma pizza de Mussarela e até agora ninguém havia entregado, eles estavam revoltados, então combinaram junto ao paciente que o primeiro garçom que passasse por lá eles iriam cancelar o pedido, pois não admitiam tamanho descaso. A brincadeira havia funcionado e o paciente antes ansioso entrou no jogo sorriu, e ali passaram mais um tempo até que ele fosse chamado. Na recepção também ficava um mural onde os Drs. Palhaços da Alegria deixavam seus recados, assim como datas e o horários que estariam presentes no Hospital e também era neste lugar que ficavam algumas fotos do projeto, que poderiam ser retiradas pelas pessoas que se reconhecem nelas, disponibilizando assim para os pacientes,

quando recebiam alta, levar do Hospital uma recordação da visita. Cabe inferir que esses registros só aconteciam com a permissão dos internados ou quem aparecesse na foto. Passado o setor de recepção e demais departamentos do térreo como, laboratório, administrativo, radiografias, sala de curativos e retidas de gesso, os Drs. Palhaços davam início pelo último andar (5º) onde ficava a UTI (Unidade de Terapia Intensiva), e seguiam para os demais. Na UTI os cuidados ainda eram redobrados, a intervenção era liberada, mas era preciso usar luvas, aventais entre outros equipamentos de proteção. Nem todos os pacientes conseguiam interagir, pois muitas vezes estavam entubados ou dormindo, mesmo assim os Drs. conversavam, cantavam baixinho ou até faziam uso de caixinha de música entendendo que eram capazes de ouvir. Na ocasião aproveitava-se para interagir com os funcionários criando pequenos espaços para uma brincadeira, uma foto para um pequeno alívio, já que aquele era um ambiente de muita delicadeza, tensão e muita demanda. Dentre os pacientes atendidos, duas categorias pareciam se divertir um pouco mais do que os demais, embora seria muito difícil deixar de fazer algum tipo de visita, independente de quem seria abordado. Idosos e Crianças pareciam querer ir embora junto com os Drs. Palhaços quando eles se despediam. Os registros e imagens que foram possíveis fazer em uma das visitas revelam um pouco dessa interação. A relação com às crianças era sempre um processo minucioso, pois as figura dos palhaços para muitos era algo assustador, os Drs. Palhaços sempre chegam de leve como pode-se dizer, como nos demais leitos sempre se batia e pedia autorização para entrar, no caso da pediatria o consentimento é primeiramente feita pelos pais, que geralmente são os que estão como acompanhantes. Houve uma vez que os Drs.

Palhaços passaram um bom tempo na pediatria, coisa que não era tão comum, pois, felizmente o número de crianças internadas era sempre muito baixo, mas nesse dia em especial havia mais crianças do que era de costume. Um garoto chamou muito atenção, pois não estava junto aos demais na antessala onde havia alguns brinquedos e jogos, e sim num banco como se estivesse evitando os demais. Os Drs. percebendo que ele estava ficando isolado simularam uma ligação, conversando entre eles dizendo que estava tudo sob controle, embora estivesse um pouco triste porque tinha um menino muito lindo que não estava querendo brincar e isso deixa eles muito arrasados. Percebendo que o menino já tinha notado que eles estavam se referindo a ele Dr. Pró Seco foi dizendo que seria muito importante falarem com ele pessoalmente. Logo o menino já estava achando engraçado e pediu para falar com a pessoa do outro lado da linha, incrível como ela havia entrado no jogo e manteve a conversa como se de fato alguém do outro lado falasse com ele. Com o tempo os funcionários foram ficando cada vez mais atuantes junto os Drs. Palhaços, participando e provocando os mesmos em diversas situações. Ainda pensando nessa proximidade com os funcionários, os Drs. participavam de treinamentos, Sipat's (Semana interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho), Celebração de Final de ano, doações e evento que o Hospital era convidado participar. Trabalhar com a linguagem do palhaço no teatro, na rua e no próprio hospital trouxe um sentimento de bem-estar e felicidade, por ser um instrumento de provocação no sentido de poder tirar o outro do seu estado sentimental para um estado prazeroso e leve, mesmo que seja por alguns instantes. No ambiente hospitalar ver o sorriso na face de uma pessoa que já perdeu muitas vezes a esperança de viver, faz acreditar que esse trabalho deve ser expandido, assim como ver o



Fonte: Registro pessoal



Fonte: Registro Pessoal

Figura 2. Registro da Interação com a criança

colaborador que vivencia momentos de estresse e tensão pedindo por mais momentos assim. De agosto de 2015 a dezembro de 2019, o programa Rir é o Melhor remédio atendeu, conforme os dados do Hospital Maicé, cerca de 17 mil pacientes de todas as faixas etárias, considerando internos (Internados) e externos (Pronto Socorro e Ambulatório).

### Considerações Finais

Este artigo buscou apresentar o Programa "Rir é o Melhor Remédio", projeto desenvolvido no Hospital Maicé, localizado no Município de Caçador-SC. Foram apresentadas e avaliadas as ações do programa entre os anos de 2015 e 2019. Inicialmente, foi apresentado um diagnóstico situacional que motivou a implantação do Programa "Rir é o Melhor Remédio", programa que consiste em minimizar os impactos causados pelas demandas e pelo ambiente de trabalho dos colaboradores e consequente o impacto nos pacientes e seus familiares, bem como tornar essa uma ferramenta no cuidado sendo uma ponte para humanização. Com o intuito de tornar os processos de atendimento mais humanizados, além das melhorias físicas e estruturais que o hospital realizou entre as ações implantadas, destaca-se o trabalho com os Doutores Palhaços do programa Rir é o Melhor Remédio. Ao apresentar o desenvolvimento do Programa "Rir é o Melhor Remédio" e suas ações entre os anos 2015 e 2019, evidenciou-se que de agosto de 2015 a dezembro de 2019, o programa Rir é o Melhor Remédio atendeu, conforme os dados do Hospital Maicé, aproximadamente 17 mil pacientes de todas as faixas etárias considerando internos (Internados) e externos (Pronto Socorro e Ambulatório). Os atendimentos ocorriam duas vezes por semana, em todos os setores do Hospital incluindo recepção, emergência, laboratórios, leitos, Unidades de Terapia Intensiva e Administrativos. Pode-se inferir que a presença do palhaço no ambiente hospitalar causa alterações no cotidiano do hospital, mas que alinhadas com a filosofia e diretrizes no que diz respeito a humanização no cuidado ao conceito ampliado de saúde, mesmo que desafiando o modelo biomédico atual - que nem sempre consegue contemplar integralmente as necessidades de saúde da população - torna-se um grande aliado a promoção da saúde. Sendo assim, almeja-se que este estudo provoque novos olhares para a arte do palhaço ou palhaçoterapia que considera uma intervenção lúdica, isto é, humanizadora e que contempla diversas áreas do conhecimento tendo como eixo norteador o amor, a empatia e o conhecido ditado "fazer o bem, sem olhar a quem". Embora o artigo tenha atingido seu objetivo, a palhaçoterapia ainda é um tema recente no campo de pesquisa científica e, mesmo que praticada por inúmeros grupos não só no Brasil como em vários países, não há identidade quanto a sua execução. Assim, a primeira limitação deste estudo está em não separar as análises por grupos (crianças, adultos, idosos...), sendo que o mesmo estilo de trabalho destina-se aos mais variados públicos, bem como os efeitos esperados, o que dificulta a pesquisa e a produção de conhecimento científico e técnico sobre o assunto. Infere-se que, a partir do momento que este trabalho costuma ser direcionado especificamente a um público infantil, há espaço para que novas pesquisas estudem o tema com públicos de outras faixas etárias.

### REFERÊNCIAS

- Brasil. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Humanização – HumanizaSUS*, 2019. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/projeto-lean-nas-emergencias/693-acoes-e-programas/40038-humanizacoes>>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.
- Burnier, L.O. 2001. *A arte do ator: da técnica à representação*, Ed. Unicamp/SP
- Capua, T.; Kama, Z.B.; Rimon, A. 2018. The influence of an accredited pediatric emergency medicine program on the management of pediatric pain and anxiety. *Isr J Health Policy Res.*, 21(7): 17
- Casate, J.C.; Corrêa, A.K. 2005. Humanização do atendimento em saúde: conhecimento veiculado na literatura brasileira de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(1): 105-11, Jan-Fev.
- Catapan, S.C.; Oliveira, W.F.; Rotta, T.M. 2019. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24(9): 3417-3429, Sept
- Dionigi, A. 2017. Clowning as a Complementary Approach for Reducing Iatrogenic Effects in Pediatrics. *AMA J Ethics*, 19(8): 775-782
- Doutores Da Alegria 2009. *Balanço 2009*. São Paulo: Pontual Graf
- Doutores da Alegria. 2018. *Balanço 2018*. São Paulo: Pontual Graf. <https://doutoresdaalegria.org.br/>
- Finlay, F.; Baverstock, A.; Lenton, S. 2014. Therapeutic clowning in paediatric practice. *Clin Child Psychol Psychiatry*, 19(4): 596-605
- Gil, A.C. 2008. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008
- Ilan, U. et al. 2018. Disaster zones-should we be clowning around? *Eur. J Pediatr.*, 177(2): 247-249
- Lima, R.A.G. de et al. 2009. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, 43(1): 186-193
- Lopes-Júnior, L.C. et al. 2018. The Effect of Clown Intervention on Self-Report and Biomarker Measures of Stress and Fatigue in Pediatric Osteosarcoma Inpatients: A Pilot Study. *Integr Cancer Ther.*, 17(3): 928-940
- Meiri, N. et al. 2017. Assistance of Medical Clowns Improves the Physical Examinations of Children Aged 2-6 Years. *Isr Med Assoc J.*, 19(12): 786-791
- Morais, G.S.N. et al. 2009. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. *Acta Paul. Enferm.* São Paulo, 22(3): 323-327
- Mortamet, G. et al. 2017. Is there a role for clowns in paediatric intensive care units? *ArchDisChild.*, 102(7): 672-675
- Nogueira, W. 2016. *Doutores da alegria falam sobre bom humor*. Disponível em: <https://revistatripi.uol.com.br/tpm/doutores-da-alegria-falam-sobre-bom-humor>
- Rizzoto, M.L.F. 2002. As políticas de saúde e a humanização da assistência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 55(2): 196-9, Mar-Abr.
- Rois, P. 2013. *Habilidades de um palhaço*. Disponível em: <http://artistaspelagraca.blogspot.com/2013/04/as-habilidades-de-um-palhaco-7-gags.html>
- Scheel, T. et al. 2017. Clowns in Paediatric Surgery: Less Anxiety and More Oxytocin? A Pilot Study. *KlinPadiatr.*, 229(5): 274-280
- Thebas, C. 2005. *O livro do palhaço*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas
- Yildirim, M. et al. 2019. The effect of hospital clown nurse on children's compliance to burn dressing change. *Burns*, 45(1): 190-198.